

UMA CIVILIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E OS DESBRAVADORES DE UMA REGIÃO: EMERGÊNCIA E REMINISCÊNCIAS DE NARRATIVAS HISTÓRICAS COLONIALISTAS E OS RASTROS DA REINVENÇÃO DO OESTE DA BAHIA, EM BARREIRAS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Diego Carvalho Corrêa¹

Resumo

Neste texto analisamos alguns fenômenos que possibilitaram a emergência de discursos e enunciados que distinguiram grupos sociais civilizatórios e formularam alicerces de superioridade em narrativas colonialistas, como também vontades coletivas que foram disseminadas na formação de uma opinião pública sobre, e para a região Oeste da Bahia, na segunda metade do século XX, tendo como força motriz a migração para o território estimulado pelo agronegócio irrigado. Neste artigo alguns jornais e uma revista foram as principais fontes examinadas para compreensão dos sustentáculos de discursos que foram interpretados como uma reinvenção do Oeste da Bahia.

Palavras-chave: Oeste da Bahia. Discurso. Barreiras. Superioridade. Reinvenção.

Introdução

Este texto é expressão de uma pesquisa ampla com finalidade de compreender melhor as peculiaridades da história do lugar. Nossa intenção é conhecer mais o território e sua diversidade de sujeitos e práticas, oferecendo em contrapartida análises que possam de alguma maneira ser apropriada por outras pessoas, que desejamos contribuir com a integração dessas com equidade, sejam estas as mais diversas que protagonizaram e protagonizam a Barreiras que tanto nos agrada viver.

Em incursões de pesquisa, encontramos no campo da Geografia maior volume de produções, nos chamando atenção certa reprodução e repercussão da representação do espaço “Oeste da Bahia”, sem, em sua maioria, submeter a um escrutínio histórico que examine alguns pormenores do sentido do território e suas ressignificações como a substituição da expressão “além São Francisco”, usual muitas vezes pela população endógena de outrora, retomadas em manifestações e defesas da fundação de um estado (unidade federativa) na região².

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Barreiras.

² “O Oeste da Bahia sempre será o “Além São Francisco”. Matéria publicada no Jornal Novoeste de 25/02 a 10/03/2007, Ano 15 nº 500, onde recupera parte do “Manifesto pela criação do Estado do São Francisco” escrita por Marlan Rocha de 20 de abril de 1987, evidencia a afirmação.

Muitas referências afirmam o Oeste da Bahia e o situam como parte do antigo *além São Francisco*, reconhecendo, inclusive, uma relevante presença de migração sulista e também uma ambientação na qual ecoa uma representação de superioridade desses sujeitos em contrapartida daqueles antigos ocupantes do território. Temos autores de notoriedade e que são referência no tema, dentre estes o Rogério Haesbaert (1996), Marcos Leandro Mondardo (2010) e Santos (2015)³. Por outro lado, os autores e seus objetos e objetivos, não realizaram uma pesquisa com dimensão mais densa da análise da narrativa histórica com alicerce documental que permitisse uma compreensão mais minuciosa das especificidades da emergência desse discurso, como procedimentos de controle interno e externo, e seus dispositivos para a formação da região. Não era objetivo dos autores, reconhecemos isso bem como a contribuição que nos instigou na nossa reflexão e delimitação de um objeto e, também, como fenômenos aqui apresentados, já foi sugerido por alguns.

Nossa pesquisa se compôs através da análise da emergência de discursos de superioridade na década de 1960, que anunciam e expressam vontades coletivas sobre um modelo de progresso vindouro do agronegócio irrigado que foi interpretado, neste texto, como uma força motriz da reinvenção de um Oeste materializado até a década de 1980. Assim, consideramos neste primeiro texto, fenômenos que irão distinguir grupos sociais civilizatórios, alicerces da superioridade em narrativas colonialistas, como também os desejos que irão ser disseminados na formação de uma opinião pública sobre, e para a região. Neste artigo alguns jornais e uma revista foram as principais fontes analisadas, não desconsiderando outras documentações que serão mais bem descritas e examinadas em próximos artigos e textos.

Uma civilização em desenvolvimento

O título deste artigo foi uma associação de duas matérias publicadas na *Revista Barreiras em Foco* de novembro de 1970⁴. A primeira, que intitula este tópico, destacou a Cooperativa

³ Uma dificuldade encontrada na pesquisa foi acessar obras reunidas, uma biblioteca de referência por exemplo. Em virtude disso parte das leituras foi, e são realizadas a partir de monografias, dissertações, teses e principalmente de artigos encontrados na internet.

⁴ Barreiras em Foco – A Revista do Interior Brasileiro. Novembro de 1970, 2ª Edição. Os jornais pesquisados e citados neste texto estão na Universidade Federal do Oeste da Bahia em um importante Centro de Memória do Oeste,

Agropecuária do Vale do Rio Grande, que havia “aprimorado seu desenvolvimento, oferecendo condições para o progresso brasileiro”. Referiu-se também a uma reportagem em um número anterior⁵, em que segundo a matéria de 1970, teceu elogios aos merecedores desbravadores da região, os norte-americanos e o alemão Hans, objetivando “[...] esclarecer melhor, o merecimento que cabe a estes desbravadores de uma região que dia a dia aumenta seu progresso”, em contato com brasileiros, os estrangeiros estão “inclinados para o bom convívio com povos latino-americanos”, sendo que “essa marcha continua em direção ao ponto que se espera, segue mesmo com os sacrifícios da luta, por que lutar é um privilegio dos fortes enobrecidos por Deus”⁶.

As reportagens revitalizam um signo linguístico colonialista, sua descrição narrativa e a projeção de um futuro, apontam um território que ainda não se representava pela enunciação do Oeste da Bahia associada à produção agrícola irrigada, mas estabelece um marco da ocupação, um mito fundador do espaço regional.

Precedentes históricos no Brasil contidos na reportagem revelam pilares de uma ordem discursiva que ecoaram dentro e fora do território, balizada pela narrativa em que o estrangeiro (alemão e estadunidense) foi o protagonista da civilização, desbravador do selvagem território (vazio) inóspito e que, por sua vez, eram fortes e carregavam consigo o fardo do civilizador que realiza seu sacrifício (luta).

Encontramos referências e regularidades anteriores que demarcam um paradigma narrativo colonial amplo, porém esta peculiaridade da colonização do Oeste irrigado, neste recorte, emergiu neste momento. Em 1988, quando o jornal *Folha de Barreiras* expressou a mesma convicção ao afirmar que “antes dos sulistas vieram alguns americanos [...]”⁷, vimos o revigoramento da tradição do pioneirismo e do mito fundador.

No intervalo pesquisado, houve restituição de um modelo narrativo que se sustentou na perspectiva colonialista e da superioridade, implicitamente étnico-racial, intelectual e regional,

que atualmente é composto em grande parte, de material disponibilizado por Ignez Pitta, uma relevante historiadora local. Neste artigo, utilizamos predominantemente o acesso online Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

⁵ Até o momento não foi encontrado esta edição.

⁶ Barreiras em Foco – A Revista do Interior Brasileiro. Novembro de 1970, 2ª Edição.

⁷ Jornal Folha de Barreiras de 1988, 23 a 29/05, Ano V, Nº53, pág. 03. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 25 mai. 2018.

conferida aos sulistas e estrangeiros. Ao se deparar com argumentos diversos sobre a projeção sulista no Oeste, Santos (2015) destacou que foi difundido por instituições e grupos dirigentes e dominantes que “o fator decisivo para o desencadeamento dessa nova dinâmica agrícola foi a “superioridade” da cultura econômica dos “gaúchos” e “sulistas””, porém, ressaltou: “[...] para mim, é essa falsa superioridade que vem originando uma diáspora e um desencaixe das relações vitais e tradicionais que ocorriam historicamente nesses espaços” (SANTOS, 2015, p. 32). Ele relativizou a representação de superioridade ao descrever que “seria absolutamente impossível os cerrados baianos e piauienses modernizarem seus espaços agrários sem que tivesse ocorrendo o mesmo em outros espaços agrários do país” (SANTOS, 2015, p. 33).

O autor não é solitário em sua interpretação, pois Haesbaert (1996), anteriormente, apontou categorizações raciais para a definição da ocupação do espaço identificando, até mesmo nas disputas endógenas pela fundação do estado do *além São Francisco*, argumentos baseados numa conjecturada raça regional, mestiça e não negra como a do recôncavo baiano, a fim de expressar as peculiaridades da região para fundamentação do novo território e governo e, em contrapartida, a expressão dos migrantes sulista e sua superioridade sobre esta.

A região, mesmo com uma ocupação menos densa do que outras esta foi diversa como descreveu Erivaldo Fagundes Neves (2012) sobre o século XIX, e também em ocupações indicadas por Rego (2014) ao se referir as missões.

O primeiro aqui destacado é o da aldeia de Aricobé (distrito do atual município de Angical). Ao assumir o poder municipal de acordo com o formato previsto pela lei de 1828, a Câmara Municipal da vila de Campo Largo (que tinha jurisdição sobre Aricobé) buscou demarcar o terreno de três léguas em quadro pertencente aos bens dos índios de Aricobé. (REGO, p, 72, 2014).

Na contramão, a representação do desbravamento sugere um lugar de vazios, sem sujeitos e pronuncia um domínio político, econômico e cultural. As representações nos permitem articular modalidades de relações com o mundo, são elas;

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade e contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; - por fim, as formas institucionalizadas e

objectivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1988, p. 23).

Interpretando este intervalo da emergência e formação de um discurso (tradição), ele está apresentado na forma e conteúdo daqueles que seriam sujeitos que operariam um modelo de civilização e progresso econômico, associado a essa regionalidade e caracterização da superioridade. Para tanto, mesmo que aqui precisemos lidar com um intervalo temporal e uma perspectiva aparentemente linear, essa tradição pode ser situada em um momento de sistematização intelectual e acadêmica que teriam repercussões ainda nos tempos atuais e que são seculares, que não necessariamente refletem uma narrativa contínua. Referimo-nos a construção de uma ordem discursiva narrativa da colônia e colonialista, mas que aqui iremos singularizar numa representação de nação do século XIX, retomando o modelo colonialista, articulado após a fundação do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (IHGB) em 1845. Neste, von Martius definiu critérios de como escrever a História do Brasil, no qual sistematizou a interpretação da integração assimétrica de raças e povos, desde a contribuição menor para cultura compartilhada pelos indígenas, o trabalho negro e finalmente e mais valoroso, a intelectualidade e processo civilizatório do europeu. O autor “[...] convidava os estudiosos brasileiros a mergulhar em profundidade no estudo das culturas africanas e indígenas, mesmo considerando-as destinadas a desaparecer numa nova síntese” (MIGLIACCIO, 2015, p. 178) em que a civilização e seu sujeito (estrangeiro e branco) predominariam sobre os grupos inferiores. O enunciado da mistura racial e suas assimetrias se constituíram num procedimento interno de controle discursivo e práticas não discursivas, e encontramos sua repercussão nos jornais locais.

Segundo Foucault (1996, p.21), procedimentos internos de controle do discurso “funcionam sobretudo enquanto princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, agora, de dominar uma outra dimensão do discurso: a do acontecimento e a do acaso”. O acontecimento e o acaso são fenômenos a serem evitados para que as sociedades sejam controladas. Acontecimento seria a emergência de uma nova situação, a exemplo de uma hegemonia, um novo grupo, forma de pensar, modo de viver e viver o mundo e etc. Evitar o acaso é tarefa dos procedimentos internos e externos dos discursos, que no caso supracitado expressam garantir a manutenção de uma razão subalterna e um processo civilizatório e de

progresso, sob a tutela e protagonismos de sujeitos específicos. Para tanto, temos o procedimento do comentário, um modelo narrativo que se repete,

Por um lado permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar. Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro (FOUCAULT, 1996, p.25).

Instrumentos sociais outros são mobilizados como procedimentos externos (não discursivos) de controle, porém, neste texto, privilegamos jornais para posteriormente escrevermos mais sobre outros. Estes jornais, e a Revista Barreiras em Foco, funcionaram como parte dos mecanismos operacionalizados para formação de uma opinião pública, sendo que esta é

[...] o ponto de contato entre a „sociedade civil“ e a „sociedade política“, entre o consenso e a força. [...] é o conteúdo político da vontade política pública, que poderia ser discordante: por isto, existe luta pelo monopólio dos órgãos da opinião pública – jornais, partidos, Parlamento-, de modo que uma só força modele a opinião e, portanto, a vontade política nacional, desagregando os que discordam numa nuvem de poeira individual e inorgânica (GRAMSCI, 2000. P. 265).⁸

Temos na mídia e nas repercussões encontradas, um discurso próprio que se capilarizou, se difundiu e difunde até a atualidade, onde temos a apropriação da representação colonialista e a reprodução reavivada no decorrer dos tempos adequando personagens e características particulares.

Se Barreiras estava, em algum momento, impedida de “progredir” em razão de políticos locais “fortes” ou “fracos”, onde todos se calavam diante deles, por ser “feita de um material imprestável, nocivo ao progresso”⁹, na razão e expressão de uma colonização, apontava-se um caminho seguro e promissor para solução, o forasteiro. Uma razão dualista foi apontada e terá sua narrativa posterior, os sujeitos que irão promover o progresso, em sua maioria, não são sujeitos locais.

⁸ Em Gramsci a sociedade civil, associada à sociedade política, forma o Estado. Sociedade civil é composta por grupos organizados, agremiações, partidos em sentido amplo e outros.

⁹ Os fragmentos de texto citados estão no Jornal Barreiras em Foco de março de 1969, Ano I, Nº 3. Pág. 2-3. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Para nós, precedentes coloniais apontados na sistematização de Von Martius e reproduzidos na promoção do progresso em Barreiras, encontram-se inseridos entre aqueles

[...] discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 1996, p.22).

Esta forma narrativa e sua distribuição, no período em questão em Barreiras, foi maior quando comparado com discursos sobre protagonismos de sujeitos endógenos, assim temos um efeito máximo na consolidação da narrativa histórica com a consequente reinvenção do Oeste.

Os desbravadores de uma região e a reinvenção do Oeste da Bahia

O projeto de irrigação na região, mesmo que a partir da década de 1970 tenha sido preeminentemente exógeno, teve esforço primordial e antecipado de Geraldo Rocha, oriundo de Barra e que desenvolveu uma série de investimentos empresariais em Barreiras.

Dr. Geraldo esteve exilado na França e no Egito, de 1.922 a 1.923. E no país dos mistérios das pirâmides, ocupou-se do estudo das *CURVAS DE NÍVEIS* e sistemas de irrigação das terras ribeirinhas do *RIO NILO*, o mais extenso do mundo, agraciado pelo Governo do Egito, absorvendo africanos do Norte um trabalho secular, de fôlego, com aproveitamento técnico-científico inestimável que seria aplicado no aproveitamento similar das vazantes e terras das ribeiras do Vale do Rio São Francisco. De regresso à França, expôs seu projeto a Horace Finaly, “um dos grandes vultos da finança internacional e... Fomos autorizados a declarar a Artur Bernardes o interesse do GRUPO chefiado por Finaly pelas realizações no Vale do São Francisco” (PAMPLONA, p. 198, 2002).

O autor narra uma memória silenciada, a nosso ver pelo discurso de região vinculado a um modelo de modernização que sobrepõe o local por uma presença, protagonismo e predominância sulista/estrangeira na região. Jornais como o *Nova Fronteira*, fundado em 1991, e o *Novoeste*, iniciado em 1990, expressaram e propagaram essa representação do novo regional. Mesmo apresentando matérias de cunho local, houve uma predominância da formação de uma opinião pública com um discurso regionalizante, tendo como força motriz o agronegócio, ora subtraindo protagonismos locais relevantes em narrativas que tornaram os migrantes sulistas ou

estrangeiros os mais proeminentes sujeitos da promoção do Oeste reproduzindo uma tese da colonização.

Em 2001, o *Novoeste* publicou um texto de Maria Salete Massuchetti, intitulada “Cadê nossa identidade”. A autora de origem Catarinense, que se auto afirmava cidadã Barreirense, narrou no texto como os nativos precisavam valorizar aspectos e signos próprios de uma expressão local na qual a “culpa” não seria mais de gaúchos e cearenses. Apesar de ter vindo vinte anos antes da matéria e ter vivido a “enxurrada de novos moradores”, cabia aos autóctones à tarefa de resgate. O texto foi publicado novamente em uma edição do jornal de 2007 e outra de 2010¹⁰, representando um elo perdido na história e a demarcação de grupos sulista que conseguiam praticar sua cultura ao afirmar que no novo município formado “[...] uma cultura já foi plantada e será exigida que seja respeitada”. Ainda chama a atenção que ao final do texto descreva: “**Observação:** Percebi que neste ano, para o trabalho de uma escola sobre os 110 anos de Barreiras, o tema foi a identidade evolutiva dos últimos 20 anos de Barreiras: O GAÛCHO.”

Nos anos finais da década de 1980, podemos considerar que temos uma região experimentada no empenho do desenvolvimento de um novo espaço territorial definido por uma nova força motriz da economia regional. Anunciado em 1969 a abertura de canais de irrigação e a fundação de cooperativas pela SUPERINTENDÊNCIA DO VALE DO SÃO FRANCISCO (SUVALE)¹¹, que previa o “destino de uma velha cidade”¹² associado a migração e o progresso, nas mãos de homens idealistas, e agora consolidava-se a narrativa de uma história vivida, discriminada na vinda de outros homens de origens distintas, pois “Antes dos sulistas, vieram os americanos[...]”, abrigando, o município, uma “[...] comunidade migrante estimada em cerca de 10 a 15 mil pessoas[...]”¹³. É preciso notar que;

10 Primeira publicação no Jornal Novoeste de 23/11/2007, Ano XVII, Nº 520, pág. 02. Segunda publicação no Jornal Novoeste, 09/02/2010, Ano XIX, Nº 585, pág. 04. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

11 Ver Jornal Barreiras em Foco de março de 1969, Ano I, Nº 3. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

12 Matéria do Jornal Barreiras em Foco de março de 1969, Ano I, Nº 3. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

13 Jornal Folha de Barreiras de 1988, 23 a 29/05, Ano V, Nº53. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

Em nenhum momento, as fronteiras e territórios regionais podem se situar num plano a-histórico, por que são criações eminentemente históricas e esta dimensão histórica é multiforme, dependendo de que perspectiva de espaço se coloca em foco, se visualizado como espaço econômico, político, jurídico ou cultural, ou seja, espaço regional é produto de uma rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais diferentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35).

A *Folha de Barreiras* de 1985¹⁴ asseverou: “O desbravamento do cerrado baiano feito pelos sulistas...” “[...] liderada por Barreiras”. A manchete intitulada “Assim caminha o Oeste”, descreveu a história e articulou o futuro da região, logo “O desbravamento do cerrado não para. Novas áreas estão sendo desbravadas”. Neste período, o “Oeste” passou a ser nomenclatura recorrente para definição do território, onde “[...] o Secretário de Planejamento da Bahia, Waldeck Ornelas, anunciou a idéia de se concentrar em Barreiras unidades de beneficiamento de grãos, transformando a cidade num importante pólo agroindustrial”, observamos a consolidação de “[...] perspectivas do oeste baiano, Nova Fronteira Agrícola.”.

Nova Fronteira, agricultura irrigada, migração sulista, progresso, civilização, desenvolvimento econômico e Oeste, foram palavras articuladas para coesão e unidade de uma identidade, temos nestas situações o autor, ou um conjunto de autores que “[...] não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Neste caso a definição territorial, de espaço regional que tem uma identidade distinta das manifestações e expressões antigas na região, sejam elas voltadas para pecuária, borracha, navegações e comércio¹⁵, agora a unidade do espaço se articula em protagonistas outros que delimitaram fronteiras e dinâmicas espaciais recentes do agronegócio irrigado.

Estes modelos regionais não foram à expressão primeira do Oeste da Bahia como definição. Geraldo Rocha distinguiu o Oeste com outros sentidos, outros conteúdos associados, como a precedente região da Bahia de baixa densidade populacional, caracterizada por uma pecuária extensiva por exemplo. Em 1940, Rocha (2004) propôs a irrigação do território, onde

14 *Jornal Folha Barreiras* 1985 de 06 a 21/08, Ano II, Nº 15. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 18 set. 2018.

15 Atribui-se a região, e principalmente Barreiras, dinâmicas econômicas interpretadas como ciclos. Ver: PAMPLONA (2002).

descreveu suas atividades e projetos com finalidade de obter apoio de outros setores públicos e privados, este pontuou:

4º - Sendo o meu principal escopo fixar no oeste nos excelentes elementos humanos que lá existem, darei à organização que vou realizar uma forma social moderna, cimentado entre padrão operário uma unidade de interesses que determinará uma identidade de vistas e objetivos que por si só constitui o êxito de qualquer empreendimento humano (ROCHA, 2004, p. 19)¹⁶.

Na presunção de Rocha, o conteúdo do Oeste, ainda não conjugado com nova fronteira, apresentava-se com outros sujeitos que seriam protagonistas do empreendimento que visava, inclusive, fixar os moradores da região. Este se referiu a estarmos, no período, diante de um dilema, “ou dominamos o São Francisco ou o Brasil desaparecerá enquanto grande nação” (ROCHA, 2004, p. 54)¹⁷.

Consideramos que a difusão destas ordens discursivas, representações colonialistas são anteriores a emergência do agronegócio irrigado, que os mecanismos relevantes para a apropriação social deste o precedem num modelo de submissão colonialista que constitui bases de silenciamentos, modelos de inferioridade étnico-racial, regional e de classe, sem com isso ter por finalidade apontar “culpados” ou “responsáveis”, sugerimos uma hegemonia, assinalamos ressignificações das formas e conteúdos históricos que nos permitem compreender o modelo local e como, apesar de um enunciado discursivo ser determinado em narrativas colonialistas e na sistematização da escrita da História do Brasil, a reprodução desta categorizou sujeitos e delimitou as narrativas de histórias de Barreiras, com suas peculiaridades, assimetrias, hierarquias, silenciamentos e processos de subalternização. Apesar do que teria sido uma grande contribuição dos cearenses e sua migração em ocasião da construção da BR 242 através do 4º BEC, não se tornaram referência maior e pouco se “diz” sobre, mesmo com grupos culturais ainda em 1977, quadrilhas e um time de futebol de expressão, o Fortaleza, e uma vila de

¹⁶Grifos meus. Em próximos textos faremos análises mais pormenorizadas de Geraldo Rocha e sua obra.

¹⁷Ao Rio São Francisco, Geraldo Rocha somava a bacia do rio Grande como parte de seu sistema hidrográfico (ROCHA, 2004, p.17).

funcionários destinada prioritariamente para moradia destes¹⁸, não são representados como os sulistas.

Essa construção da superioridade não se desenrolou sem conflitos e esforços, sem tensões que se apresentavam na forma de zombaria como que adjetivava os sulistas gaúchos, segundo a *Folha de Barreiras*, como “os primeiros “loucos”, “palhaços”, se referindo a expressões de nativos incrédulos no “potencial do cerrado” para os primeiros sulistas e principalmente gaúchos, pois a “bombacha era o circo mais pequeno do mundo”¹⁹, incredulidade que não foi compartilhada por Geraldo Rocha como apontado.

Diante de desconfianças e expressões anedóticas de barreirenses, segundo o jornal, autores apontam como o etnocentrismo e a noção de superioridade destes grupos e sua distinção nos espaços regionais que ocuparam fora de suas territorialidades tradicionais do sul do país, afirmando uma identidade sustentada por exemplos hierarquizantes.

Os discursos predominantes nos textos dos organismos institucionais dos dois estados, nas suas representações, instituições financeiras, financiadoras públicas e privadas, é o de que os modernos produtores que se instalaram no Oeste baiano e nos Cerrados do Piauí são diferentes, “superiores”, modernos e produtivos. Para essas mesmas instituições, os espaços onde se concentram a agricultura tradicional e familiar, onde residem a maior parcela da população regional, são de ordens inferiores. Isso por que, segundo esses organismos e os seus agentes e interlocutores, esses espaços não geram riquezas e, sim, custos para o estado (SANTOS, 2015, p. 147).

Na década de 1980, Oeste da Bahia já tem a representação de um território materializado, pois “Esta região, do oeste baiano, é um canto do nordeste, talvez único, que tem bom solo, muita água, bom índices de chuvas e está atraindo capitais e mão de obra gerencial, cetro sulistas”²⁰. O cetro, símbolo de preeminência e primazia, afere a identidade da modernização agrícola regional no tempo/espaço, nos conduzindo a crer, diferente de Haesbaert (1996), que não se tratou apenas de um esforço para constituição de um novo nordeste, mas também da configuração de um novo Oeste, um Oeste reinventado com novos conteúdos.

18 Jornal Novoeste, Ano I, Nº 47, 11/06/1992. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 17 jun. 2017.

19 Jornal Folha Barreiras 1988, 22 a 29/05/88, Ano V, Nº 53. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

20 Jornal a Semana, Barreiras, 30/04 a 08/05/1988, Ano I, Nº I. Disponível em: <http://centrodememoria.ufob.edu.br/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Da forma que definiu Oliveira (2015) ao referir-se a “A transformação do oeste “*da*” Bahia e do oeste “*na*” Bahia” (OLIVEIRA, 2015, p. 170), afirmando que “A mudança de preposição não é simplesmente uma troca de termos, mas atribuem-se características importantes, tendo em vista que a consolidação de um Oeste “*na*” Bahia resulta das transformações que parte dos municípios sofreu nas últimas décadas” (OLIVEIRA, 2015, p. 171). A autora analisou uma série de documentos externos produzidos por governos, órgãos técnicos, grupos de pesquisas e outros, porém não encontramos correspondência com a nomenclatura na mídia local, pois nos jornais que circulavam em Barreiras e região, a terminologia permanece Oeste **da** Bahia ressignificada, reinventando então o Oeste da Bahia em seu conteúdo e lhe atribuindo nova forma sem alterar a preposição, mas sim a proposição.

Considerações finais

Reconhecemos as enormes contribuições dos e das migrantes, sejam eles e elas da Bahia, Ceará, Sulistas dentre outros e outras, o crescimento e transformações da cidade e região com o advento das estradas e do agronegócio que atraiu muitas gentes e remodelou os aspectos urbanos e rurais do município, acrescentando dinâmicas e fazendo do lugar um importante centro regional. A intenção aqui é ler algumas situações e transformações pouco examinadas pelos critérios aqui propostos, contribuir para superar uma leitura da história que dissemina perspectivas de inferioridade e superioridade entre nós internamente e entre nós e pessoas de outros países, diluir essas diferenças que são históricas e discursivas, e não naturais, e quem sabe contribuir para um desenvolvimento cada vez mais amplo e por igual, reconhecendo todas as comunidades, povos, regiões e pessoas que se fazem aqui, estimulando nosso orgulho próprio de sermos quem somos, um país amplo e diverso, um país de brasileiros e brasileiras.

Há singularidades na história de Barreiras, que mesmo se relacionando com uma totalidade mais ampla de situações externas, não foram examinadas ou submetidas à crítica Histórica e suas metodologias, fazendo desta um objeto privilegiado em consequência de seu exílio acadêmico que priorizou análises de fenômenos mais centralizados nos temas do agronegócio, processo emergente da década de 1970 sob outras perspectivas analíticas.

Nossa proposta foi um olhar endógeno sobre a constituição de uma representação do Oeste, caracterizada em nosso texto pela análise de uma série documental priorizando jornais. Percebemos que houve uma ressignificação do espaço a partir de novas situações históricas baseadas em modelos narrativos colonialistas com repercussões duradouras e formação de enunciados discursivos.

Apontamos caminhos para outros textos vindouros que irão aprofundar outras análises e documentações que nos permitem interpretar a construção de uma nova hegemonia política e econômica no território, identificando discursos, práticas, sujeitos, instituições, ações políticas, e outros aspectos relevantes para nossa perspectiva. Como texto breve que foi, e inicial, uma série de lacunas se apresentaram para uma resolução mais a frente com a associação de outras fontes e referências.

Referências

BRANDÃO, P. R. B. Um estado para o oeste baiano? Reflexões para o debate sobre discurso identitário e mitos fundadores do pretense Estado do (Rio) São Francisco. Revista **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.8, n.16, jan./mar. de 2014.

CARIBÉ, C.; VALE, R. (Orgs.) **Oeste da Bahia**: trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 02 de dezembro de 1970. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GRAMSCI, A.. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, Vol.3.

HAESBAERTE, R. “Gaúchos” e baianos no “novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. In: CASTRO, I. E. de. GOMES, P. C. da C. CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

HAESBAERTE, R. A noção de rede regional reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. **TERRITÓRIO**, ano 111, nº 4, jan./jun. 1998. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf. Acesso em: 13 fev. 2017.

HAESBAERTE, R. **Território e Identidade: o encontro entre “gaúchos” e nordestinos no Brasil**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/764.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.

JR ALBUQUERQUE, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAYCHETE, G.; COMERFORD, J. C. A nova face agrária do oeste baiano: diversidade e ambiguidade. In: CARIBÉ, Clóvis; VALE, Raquel. (Orgs.) **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

MIGLIACCIO, L. A arte no Brasil entre o segundo reinado e a *Belle Époque*. In: ARCINSKI, F. W. (ORG.). **Sobre a Arte Brasileira: da pré-história aos anos 1960**. Edições Sesc São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/1341>. Acesso em: 07 mai. 2017.

MONDARDO, M. L. A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras - BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais. **Revista NERA**, Ano 13, nº. 17 pp. 112-130 Jul-dez./2010. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1355/1342>. Acesso em: 13 jan. 2016.

NEVES, E. F. Propriedade, posse e exploração da terra: domínio fundiário na região Oeste da Bahia, século XIX. In: CARIBÉ, C.; VALE, R. (Orgs.) **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Brito, **DO SERTÃO SÃO FRANCISCANO AO OESTE NA BAHIA: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE POLÍTICAS DO ESTADO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL (1889-2014)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia – Instituto de Geociências, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/20250/1/Maria_Aparecida_Brito_Oliveira_Dissertacao_Final.pdf. Acesso em: 11 ago. 2018.

PAMPLONA, L. G. **BARREIRAS, Bê-A,..da BARRA pra cá!** 1 ed. (Sem Editora). 2002.

REGO, A. A. **Trajetórias de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na província da Bahia (1822-1862)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2014.

ROCHA, G. **O Rio São Francisco: Fator Precípua da Existência do Brasil**. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

SANTOS, C. C. M. . **O Espírito do Capitalismo na Ocupação dos Cerrados da Bahia e do Piauí**. 1. ed. Feira de Santana - Bahia: UEFS Editora, 2015.